

PATRIMÔNIO, HISTÓRIA E MEMÓRIA: UMA LEITURA DA (S) PRODUÇÃO (ÕES) CINEMATOGRAFICA (S) EM “REZA A LENDA”

Brenda Jaqueline da Silva (PIC/DHI/UEM), Sandra de Cássia Araújo Pelegrini (Orientador), João Paulo Pacheco Rodrigues (Co-orientador), e-mail: brendajsilva08@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Departamento de História

Palavras-chave: História Cultural; Cinema; Representação

Resumo

O presente trabalho, vinculado ao Centro de Estudos das Artes e do Patrimônio Cultural tem como objetivo expor as considerações, obtidas por meio da análise imagética, a respeito da representação cinematográfica do nordestino no filme “Reza a Lenda”, 2016. Atento ao contexto histórico, social e cultural da produção.

Introdução

O que o cinema é? Durante muitos anos definido como “sétima arte”, ópio do povo e tantos outros sinônimos aprazíveis ou pejorativos, o cinema resiste e se reinventa com o transcorrer do tempo.

Desde sua primeira exibição no dia 28 de dezembro de 1895, em Paris o “Cinematógrafo” despertou a curiosidade, se não o espanto de seus telespectadores¹, como uma máquina seria capaz de representar tamanho efeito de realidade? A pintura e em seguida a fotografia já haviam sido competentes na representação de imagens, mas a captação do movimento e em seguida do som provocaram uma euforia imprevista na nova classe em ascensão².

O cinema surgiu na época da burguesia triunfante e foi considerado produto dela. No século XIX os burgueses dominavam as relações sociais, econômicas e culturais, praticavam a literatura, a música, o teatro “mas estas artes já existiam antes dela. A arte que ela cria é o cinema” (BERNARDET, J. C., 2004, p. 126).

Como produto burguês o cinema converteu-se rapidamente em mercadoria, portanto sua “exportação” não tardou a acontecer. No Brasil, a primeira exibição ocorreu na Rua do Ouvidor, na então capital do país, em 1896. Naquele momento o Rio de Janeiro encontrava-se em pleno

¹ SOUZA, C. R. Os pioneiros do cinema brasileiro. **Alceu**, Rio de Janeiro, v.8, n.15, p. 20-37, jul./dez., 2007. p. 20.

² BERNARDET, J. C. O que é cinema? In: **O que é: Jornalismo, Editora e Cinema**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970. p. 125-126.

desenvolvimento, a eletricidade, a chegada dos automóveis e a estabilidade da República recente, impulsionavam o país, sinônimo de modernidade o cinematógrafo suscitou o interesse nacional. Logo surgiram as primeiras produtoras brasileiras³.

Desde seus primeiros anos de existência, a indústria cinematográfica brasileira construiu sua trajetória em meio a gloriosos períodos de sucesso, como a Belle Époque e derradeiros momentos de fracasso, em constante concorrência com os filmes norte-americanos⁴. A partir da década de 60, a busca pela construção de um cinema nacional e o “impulso militante” de denunciar as mazelas sociais, silenciadas pela ditadura latente, possivelmente fez com que os cineastas voltassem seus olhares para interior do país⁵. Iniciava-se o movimento conhecido como Cinema Novo⁶.

Atualmente o sertão não perdeu seu protagonismo no meio audiovisual, após a virada do século numerosos sucessos como o “Alto da compadecida” (2000), “Cinema, Aspirinas e Urubus” (2005), Amarelo Manga (2003), Lisbela e o prisioneiro (2003), Gonzaga de Pai Para Filho (2012), Deus é Brasileiro (2003), O caminho das Nuvens (2003) e Cine Holliúdy (2013), abordaram a região como temática.

“Reza a Lenda” (2016) é uma dessas obras. Ambientado na caatinga o filme apresenta nítidas influências da indústria hollywoodiana, aliada a traços característicos da representação do sertanejo, “eternizados” pelo cinema novista (também conhecido como Cinema Novo), como a seca, o coronelismo e a religiosidade⁷.

Por conseguinte, o objetivo deste trabalho foi analisar e interpretar a representação do homem nordestino, envolto em um histórico de abordagens da temática árida na cinematografia brasileira e no atual contexto social, econômico e cultural da indústria de filmes.

Materiais e métodos

A análise fílmica centrou-se na abordagem metodológica do historiador, especialista em cinema, Marcel Martín (2005). Dentre as muitas considerações expostas pelo autor a respeito do caráter fílmico, destacam-se a futilidade e a fragilidade do documento.

A futilidade está contida no fato de o cinema ser uma arte recente, acessível e previsível, o que o faz parecer um objeto de análise pouco complexo, no entanto o MARTÍN (2005) destaca que os filmes como todo documento, possui intencionalidades e oferece um imaginário sobre determinado povo, local, ou outro tema estabelecido por sua abordagem central⁸.

³ SOUZA, C. R. Os pioneiros do cinema brasileiro. **Alceu**, Rio de Janeiro, v.8, n.15, p. 20-37, jul./dez., 2007. p. 20.

⁴ Id., p. 19-23

⁵ XAVIER, I. **O cinema brasileiro moderno**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 18.

⁶ Id., p. 51.

⁷ REZA A LENDA. Direção: Homero Olivetto, Produção: Homero Olivetto. São Paulo (SP): IMAGEMFILMES, 2016, 1 DVD.

⁸ MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica**. 4. Ed. Lisboa: Dinalivro, 2005. p.18.

A facilidade refere-se ao modo como o cinema é capaz de vender ideias a grupos humanos com naturalidade. O autor compara o filme a um entorpecente, como a droga ele possui a capacidade “alucinógena” de tornar o indivíduo inerte em seu meio social, ou seja, possui uma carga ideológica muitas vezes imperceptível, o que demanda ao pesquisador uma análise do contexto social, histórico e político do momento de produção e do momento histórico retratado (MARTÍN, 2005).

Diante do exposto, MARTÍN (2005) acrescenta que além de atento à conjuntura exterior de produção o historiador precisa precaver-se diante do caráter subjetivo das imagens, frequentemente tomadas como verdade, pois nenhum documento fala por si próprio e é tarefa do historiador estar a examinar essas conjunturas, “é necessário aprender a ler um filme, decifrar o sentido das imagens tal como se decifra o sentido das palavras e dos conceitos, compreender as sutilezas da linguagem cinematográfica.” (MARTÍN, 2005, p. 2005).

Resultados e Discussão

O cinema enfrentou constantes metamorfoses desde 1895. No Brasil a jornada da cinematografia, fez-se sob constantes oscilações entre sucessos e fracassos. As primeiras décadas de exibição, com destaque aos anos 30 e 40, resumiram-se as comédias de cunho sexual, denominadas chanchadas. A partir da década de 50 a produção reformulou-se, principalmente sobre influência italiana e da Nouvelle Vague francesa⁹.

Com o advento da ditadura durante nos anos 60, a busca por uma identidade nacional e o objetivo de expor as mazelas sociais ocultas pelo regime, dirigiu o foco dos cineastas para o interior do país. A imagem do caipira e do nordestino foi explorada em demasiado pelas produções¹⁰.

Grande parte da bibliografia analisada supõe a construção de um estereótipo nordestino, concebido durante o Cinema Novo. Autores como Ismael Xavier, destacam a criação da “estética da fome”, filmes como Vidas Secas, Deus e o Diabo na Terra do Sol e Os fuzis, produzidos entre os anos de 1963 e 1964, tornaram-se sucessos ao representar o nordeste brasileiro sob o estigma da fome, pobreza, seca, religiosidade (união entre fé católica e credences populares) e coronelismo¹¹.

“Reza a Lenda” (2016), talvez não fuja aos estigmas de esteriotipação do sertanejo, o enredo compreende a busca incessante por uma imagem Sacra que traria fim a seca no sertão, cenas como a distribuição de água por um caminhão pipa, imagens panorâmicas da caatinga, e o antagonismo de um coronel são alguns dos elementos que aludem à “estética da fome”.

Todavia, convém destacar a intencionalidade do produtor de incorporar aspectos de modernidade ao filme, que vão desde o figurino e os

⁹ XAVIER, I. **O cinema brasileiro moderno**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 27-28.

¹⁰ Id., p. 18-20.

¹¹ Id., p. 27-29.

enquadramentos da câmera diante da paisagem até o posicionamento crítico da personagem no desfecho da trama. (Reza a Lenda, 2016).

Conclusões

A utilização do cinema como objeto, ainda que recente, constitui uma importante fonte de conhecimento para a História, o “efeito de real” proposto pela película, impregna-se de verdades relativas a respeito do meio, social, cultural e político, em que o indivíduo se insere. “Reza Lenda” (2016) é uma representação do Nordeste Brasileiro, produto de um processo cinematográfico histórico e reflexo da atual produção cultural, com forte participação de atores globais conhecidos do grande público.

Agradecimentos

Meus agradecimentos dirigem-se principalmente à minha orientadora Sandra de Cássia Araújo Pelegrini por compartilhar seu saber e por oferecer-me grandiosas oportunidades. Agradeço também ao meu Co-orientador João Paulo Pacheco, responsável por despertar meu apreço pela História, e por fim a todos os membros do CEAPAC e MBP. Obrigada.

Referências

BERNARDET, J. C. O que é cinema? In: **O que é: Jornalismo, Editora e Cinema**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Bariliense, 1970.

MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica**. 4. ed. Lisboa: Dinalivro, 2005.

REZA A LENDA. Direção: Homero Olivetto, Produção: Homero Olivetto. São Paulo (SP): IMAGEMFILMES, 2016, 1 DVD.

SOUZA, C. R. Os pioneiros do cinema brasileiro. **Alceu**, Rio de Janeiro, v.8, n.15, p. 20-37, jul./dez., 2007.

XAVIER, I. **O cinema brasileiro moderno**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.